



Redacção e administração  
R. de S. Martinho

AVEIRO

# POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO



Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 278

**Assignaturas**

AVEIRO—Um anno, 1,200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1,300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2,500. Semestre, 1,500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

## A QUESTÃO FRANCEZA

Como dissémos, no primeiro artigo que o *Povo de Aveiro* publicou, sob o titulo *Em França*, a obra do general André era uma obra de justiça, e não, de fórma alguma, como alguns periodicos insinuaram, uma obra de perseguição. Essa tolerancia do regimen republicano, de que, no seu bello livro *L'Instruction de l'Armée française*, nos fala o general Jourdy, tolerancia desconhecida no exercito francez desde os primeiros dias do seculo passado, nos termos d'aquelle illustre militar, nunca se desmentiu até este momento.

Mas uma coisa é tolerancia, outra coisa é desordem. Uma coisa é permittir e respeitar as opiniões alheias, outra é deixar que nos affrontem as nossas. Uma coisa é usar de brandura e generosidade para com os inimigos, outra é consentir que se apodemem das nossas proprias armas para nos baterem. Isto chama-se indignidade, ou é imbecilidade.

Foi essa indignidade, foi essa imbecilidade que os dirigentes da Republica franceza commetteram, compromettendo a causa democratica e deshonrando o proprio nome.

Na questão militar como em tudo.

«Foi em nome da liberdade, dizia o senador Béraud n'um discurso pronunciado no senado em 5 de novembro de 1903, que foi votada a lei Falloux. Menos de dois annos depois os republicanos conheceram o que era essa liberdade com os fuzilamentos, a prisão, o exilio e as commissões mixtas.

O que mais me admira, senhores, é ver ainda hoje, n'estas circumstancias, o partido clerical prevalecer-se dos principios de liberdade. A Igreja só reclama a liberdade quando não pôde exercer a sua preponderancia.

O regimen que lhe convinha, n'este caso de instrucção publica, seria aquelle que lhe permittisse a direcção do ensino em todos os seus graus; que lhe desse a vigilancia universal das escolas primarias, secundarias e superiores. A Igreja não consentirá nunca em renegar ou dissimular o seu direito soberano de dirigir inteiramente a educação dos seus filhos, isto é, d'aquelles que pelo baptismo lhe pertencem.

Não vos deixeis, senhores, arrastar por sophismas grosseiros. Ha entre a congregação e a Republica uma luta sem quartel. Ou anniquilareis a congregação, ou a Republica está morta.»

Clemenceau, tomando a palavra n'esse debate, dizia:

«Senhores, o erro fundamental d'este debate, a meu ver, é

que os republicanos estão convencidos de que a lei Falloux tem sido uma lei de liberdade. Dizem: a liberdade não foi favoravel aos republicanos, mas sim aos inimigos da Republica. Ora, meus caros collegas, a lei Falloux foi simplesmente uma lei de reacção politica e social, sob a direcção da Igreja, tendo por instrumentos todas as corporações dependentes d'essa mesma Igreja.»

Foi o erro dos republicanos francezes, em todas as epochas, salvo no periodo democratico da grande Revolução, e em tudo e por tudo. Tomaram como leis e principios de liberdade o que não era mais do que principios e leis de reacção.

N'esse admiravel discurso, Clemenceau, que tem sido dos rarissimos politicos francezes com orientação e idéas, collocava n'estes termos, com grande nitidez, a questão clerical:

«Senhores, vejo perante mim uma corporação internacional tendo por chefe um soberano estrangeiro. O respeitavel senhor de Cuverville tinha, n'uma interrupção, negado ao papa a qualidade de soberano estrangeiro. Felizmente, o nosso respeitavel collega o sr. conde de Blois restabeleceu a verdadeira doutrina, affirmando, n'esta tribuna, que o papa era, realmente, um soberano estrangeiro.

Achamo-nos, pois, perante os membros d'uma corporação internacional submettida a um soberano estrangeiro, verdadeiro enxerto de servidão romana no nosso direito civil de liberdade. E' a sua dominação que nós temos repellido. E' sobre elles, é contra elles que nós temos conquistado as nossas liberdades. Estão vencidos, mas reclamam a conservação dos seus privilegios. A liberdade d'um só, é a dominação; o direito commum, é a liberdade de todos. Quem quer que seja que reclame uma liberdade além da liberdade commum, reclama um privilegio. E' o caso das congregações.

Encontramos deante de nós homens que reclamam um direito de privilegio, não para os individuos que constituem esta corporação, mas para a propria corporação, n'um fim de dominação corporativa.

Reclamam, pois, um privilegio. Qual privilegio? O privilegio de fundar, na sociedade franceza, uma sociedade que tem por principio a negação dos principios da sociedade franceza!

Nós proclamamos a liberdade e elles oppoem-lhe a obediencia. Obediencia a quem? A uma coisa extranha á lei, a uma coisa contraria á lei. Para um fim de dominação.

Nós proclamamos a proprieda-

de individual. Elles reivindicam a apropriação não individual, a mão morta, a accumulção de capitães como instrumento de dominação.

Nós estabelecemos, como fundamento da nossa ordem social, a familia. Elles repudiam a familia. (*Vivos applausos na esquerda*).

A's vezes tomam o titulo de pae e de mãe. São falsos paes, são falsas mães. (*Vivos applausos na esquerda*).

Não conhecem a força do laço de sangue que liga uma carne a outra carne. Não viram nascer a creança, não a viram soffrer, não a seguiram na sua lucta miseravel pela existencia, não teem nada de commum com ella, a não ser uma pretendida paternidade espiritual que não pôde ser independente da outra e que se traduz muitas vezes por martyrios e supplicios como no refugio de Tours. (*Vivos applausos na esquerda*).

Repudiam a familia, os encargos da familia, os deveres da familia, e tendo creado uma existencia sem deveres humanos, aproveitam-se d'ella para fazer uma concorrência mortal aos operarios que teem filhos para viver, filhos para educar.

São cidadãos da sociedade romana, encravados na nossa sociedade franceza sahida da Revolução; são subditos da theocracia em desacordo de principios com os cidadãos da democracia. Offerecemos-lhe o direito commum, o direito civil francez, a liberdade commum, a mesma liberdade de que gosam todos os francezes. Que mais podem pedir?

A liberdade que me basta a mim, deve-lhes bastar a elles. Privilegio, não! Prégam doutrinas anti-sociaes que são a negação da sociedade sahida da Revolução. Não tenho medo que as préguem. Mas constituir no Estado, por privilegio, um Estado especial que ajunte ao seu privilegio a liberdade, e não já a liberdade individual mas a d'uma corporação em revolta contra a propria sociedade, eis o que eu não posso tolerar no proprio interesse da liberdade commum.

Não o posso tolerar. As congregações, contudo, teem-se imposto audaciosamente, a despeito da lei, com consentimento e cumplicidade dos governos.»

Eis a grande doutrina e eis a grande verdade. As congregações estiveram sempre fóra da lei com o consentimento e a cumplicidade dos governos. E assim no elemento civil, como no elemento militar.

A perseguição não era feita pelo general André. Era feita pelos clericos. Era d'elles a intolerancia, não era do ministro da guerra. Como já vimos, officiaes conhecidos como republicanos

não eram promovidos. Officiaes casados civilmente e officiaes judeus não eram admittidos nos estabelecimentos militares. Era o direito postergado. Era a lei commum esquecida. Era o privilegio dominando. Era a guerra sem quartel aos principios da Revolução. O regimen de liberdade e de tolerancia que reclamavam e reclamam aquelles que accusam o general André de intolerante e de perseguidor!

E' bom que todos o saibam. E' bom que ninguém o esqueça. Para que se amanhã o ministro da guerra, ou outro qualquer, da monarchia portugueza, tentar justificar, como é costume, alguma grande arbitrariedade com os exemplos da Republica franceza, saibam ver claro na calumnia.

E, já agora, voltaremos a este assumpto, que não deixa de ter algum interesse.

### 1.º DE DEZEMBRO

Os alumnos do 1.º anno do lyceu, festejaram na quinta-feira o dia 1.º de Dezembro, tocando no Largo Municipal, em coreto armado, de dia, a banda do 24 e a fanfara do Asylo Escola Districtal, e á noite a phylarmonica Aveirense.

Bem hajam os que assim não esquecem uma data tão gloriosa.

### 8 DE DEZEMBRO

Foi o *Povo de Aveiro* a primeira gazeta do paiz, que poz bem em evidencia quanto havia de odioso na celebração d'uma data que representa o inicio do periodo mais reaccionario do seculo XIX. Hoje, a quatro dias d'esse anniversario, lembramos de novo, a este povo tão inculto e tão esquecido, que a proclamação do dogma da Immaculada Conceição não foi mais do que o primeiro passo, passo audacioso e insolente, no caminho do despotismo, nas tentativas de dominio universal, de subordinação absoluta do espirito laico ao espirito de Roma, dado por esse papa que sonhou destruir os principios da Revolução, que sonhou restaurar, n'uma etape já tão avançada da civilização, o plano gigantesco de Gregorio VII, de Innocencio III, de Bonifacio VIII, d'essas figuras sombrias da Edade Média, cujo pensamento energico e fino foi assentar o edificio da Igreja sobre a escravidão do mundo.

Pio IX, que havia sido aclamado pelos liberaes como uma esperança, que ao principio manteve no papado uma especie de monarchia constitucional, arranca a mascara, e avança resolutamente contra a razão e contra a liberdade.

Sim, esse papa, que a nação italiana havia saudado, em 1846, como a aurora da sua regeneração. Esse papa, que o povo victoriava nas ruas, gritando-lhe: «Coragem, flae-vos no vosso povo.»

Ingenunos liberaes! Pobre povo! Em 1847, já a aurora da regeneração italiana, a esperança da causa liberal, affirmava com arregocho a sua soberania. Em 1849 pedia o

auxilio do infame traidor do 2 de dezembro para esmagar Garibaldi e os democratias romanos. E d'ahi por deante não mais parou. Agarado ao cardeal Antonelli, a sua alma damnada, tornou-se o maior adversario do espirito moderno, adversario cego, adversario furioso, cheio de intransigencias e odios. E nada mais apropriado para affirmar esse espirito de dominação, de intransigencia feroz, d'odio eterno á razão, d'auctoridade pontifical sobre o proprio clero, que esse dogma da Immaculada, tantas vezes tentado e sempre combatido.

Oh! Nada melhor para impôr a infallibilidade e o absolutismo do soberano pontifice. E, assim, a 8 de dezembro de 1854, sem reunir um concilio ecumenico, de motu proprio, contra todas as praxes, calcando aos pés a tradição, Pio IX lança ao mundo, com assombro dos proprios catholicos, o dogma da Immaculada Conceição de Maria.

Depois, affirmado o desprezo da razão, do poder civil, das tradições e praxes da propria Igreja, não mais houve hesitação. A 8 de dezembro de 1864 é publicado o mais affrontoso de todos os desafios, a encyclica *Quanta cura*, condemnação solemne, radical, violenta dos principios philosophicos e politicos em que assentam as sociedades modernas, com o *Syllabus* que a resumia sob a fórma de 80 proposições, denunciadas ao catholicismo como impias, como hereticas.

Debidour, na sua obra magistral *Histoire des Rapports de l'Eglise et de l'Etat en France de 1789 a 1870*, commenta d'esta fórma, a pags. 588, esse monstruoso documento.

«Condemnava, com uma franqueza tão brutal quanto sincera, não só os direitos da consciencia, da philosophia e da sciencia, mas os principios mais elementares do direito publico que a França de 1789 tinha proclamado, e a maior parte dos povos da Europa, seguindo o seu exemplo. Pio IX, mais exigente talvez nas suas pretensões do que o seria em seu logar Gregorio VII ou Innocencio III, declarava que a Igreja era por si só uma sociedade perfeita, independente, a todos os respeitos, da auctoridade temporal; que era superior ao Estado; que lhe pertencia exclusivamente o direito de dirigir a educação; reprovava a doutrina da soberania nacional e do suffragio universal; não admittia liberdade de cultos, nem liberdade d'imprensa, nem liberdade de palavra; reclamava para a Igreja o poder coercitivo; reclamava para a auctoridade ecclesiastica, em caso de conflicto com a auctoridade civil, os direitos que os governos modernos só a esta reconhecem; queria ter o direito de se intrometter na legislação civil para apagar tudo o que n'ella fosse favoravel aos protestantes e judeus; condemnava o casamento civil e terminava por repellir categoricamente o principio de que o Pontifice romano pôde e deve transigir com o progresso, o liberalismo e a civilização moderna. Eis a que foi parar um papa que tantos tinham saudado como um libertador.»

Emfim, a 18 de julho de 1870 fazia proclamar a sua infallibilidade.

Eis o que representa a celebração do dogma da Immaculada Conceição. Representa a condemnação de toda a sciencia, de todo o progresso, de toda a liberdade.

O dia 8 de dezembro é uma data odiosa nos fastos da historia.

Cartas d'Algures

2 DE DEZEMBRO.

Ora até que enfim! Ouve-se no partido republicano uma voz de verdade, uma voz de justiça, uma voz de independência. Um homem fala com razão e bom senso. E como esta coisa, que parece tão pequena, é tamanha!

Tamanha, n'um partido onde eu não ouço, geralmente, senão mentiras e dislates! Tamanha, n'um partido d'onde me parecia ter fugido para sempre todo o espirito politico, no sentido elevado e nobre d'este termo!

Leio no *Mundo* o extracto da conferencia feita em Lisboa pelo sr. Brito Camacho. E sinto, apenas, que a circumstancia do orador ter citado um certo nome possa tornar suspeitos os meus applausos. E' verdade, sinto. Não o digo por modestia, que eu não sou modesto. Ou antes, sou extremamente modesto n'umas coisas e sou extremamente vaidoso em outras. Sou extremamente vaidoso no ponto de ter o orgulho das minhas opiniões e dos meus serviços. Lá isso, sou. Mas sou-o, porque penso e perque trabalho. Não consinto que um idiota ou um mandrião diga asneiras ou tenha atrevimentos deante de mim. Nunca a transigencia indigna da minha terra me dominou ali. Sou extremamente modesto em fugir ás considerações e aos falsos applausos do mundo. Gosto de passar por entre as multidões sem ninguem olhar para mim. Se olham, eu escondo-me, ou fujo.

Se me applaudem com criterio, gosto. Se no dia seguinte, porém, for preciso censurar quem me applaudia, censuro.

Se me applaudem sem criterio ou com especulação, então elvergonho-me, acabando sempre por me irritar e bater. Já me tem apparecido *claque*. Pois nunca deixei de a correr a pontapé.

Mas voltemos atraz.

Sinto que o pequeno facto que mencionei possa tornar suspeitos os meus applausos. E não o sinto porque seja modesto, não o sinto porque me importem, geralmente, interpretações de qualquer ordem aos meus actos ou ás minhas palavras. Sinto-o, porque é tão urgente, de tanta magnitude, dar novos rumos á politica republicana em Portugal, que seria convenientissimo arredar, n'este instante, todos os pretextos para suspeições canhas, para duvidas, de má fé, sobre a sinceridade de quantos amam, a valer, a causa da democracia e da patria portugueza.

A referencia individual, feita pelo sr. Brito Camacho, não impediria, em caso algum, que eu combatesse vivamente as suas affirmações, se não estivesse d'accordo com ellas. Como, da mesma forma, não avoluma os meus applausos.

O sr. Brito Camacho fez uma coisa rara entre os politicos republicanos. E' que falando com a energia, e a vivacidade, que o caracterizam, é que dando a nota *picante* das assembléas populares, falou ao mesmo tempo como um homem de estado, de largas vistas e orientação seguras. Pela primeira vez nós vimos um republicano pôr de parte o espirito *eleicoeiro*, o espirito de *coterie*, o espirito de *capellinha*, o espirito de baixa adulação, o espirito de demagogia reles, pela primeira vez nós vimos um republicano pôr de parte completamente as considerações pessoais, perder o medo ás praxes, aos preconceitos, ás imposições das seitas e grupos em que se divide o subdive o republicanismo portuguez, para atacar as grandes questões de principios e afirmar as reformas capitais na vida do povo portuguez.

Pela primeira vez!

Será continuada essa doutrina? Não virão as incongruências do costume? Será o ponto de vista do sr. Brito Camacho um ponto de vista meramente individual, ou será partilhado por outros dirigentes da democracia nacional?

Não sabemos. Em qualquer caso

é um symptoma, que registamos e vivamente applaudimos.

Não estamos completamente de accordo com o sr. Brito Camacho. Na questão religiosa, que nós estudamos profundamente ha muitos annos, não como uma questão de liturgia, mas como uma questão social da mais alta importancia, possuímos a tal intransigencia que o sr. Brito Camacho acha exaggerada. Não a intransigencia jacobina, que os jacobinos não a tiveram, n'esse ponto. Os jacobinos, na sua maioria, applaudiram vivamente Robespierre contra os livres pensadores, preparando assim o golpe mais funesto que veio a soffrer a grande Revolução. Mas a intransigencia dos que vêm na brandura com o preconceito, com o erro, a causa mais funesta do atrazo de toda a civilização do mundo. Porque se é certo que a Inglaterra, a Alemanha, e outros povos, são mais progressivos e cultos do que Portugal e a Hespanha, não é menos certo que esse progresso, em absoluto e em relação ao tempo, deixa ainda muito a desejar. MUITISSIMO. Não temos admiração nenhuma pela *civilização dos povos cultos*, que sendo menos barbaros do que nós, não deixam, todavia, de ser ainda verdadeiramente barbaros. E a razão principal d'esse facto está no predomínio do sentimento religioso, que é um sentimento de inferioridade em relação ao sentimento da verdade, da justiça, da liberdade, independente da idéa de Deus, idéa oppressiva e aviltante.

Esta é a nossa opinião inabalavel. E adquirida, repetimos, n'um estudo demorado e profundo da questão religiosa. N'um paiz onde pouca gente estuda, não seremos, agora, demasiadamente vaidosos se dissermos que poucos a terão estudado mais do que nós. Pouquíssimos. Mesmo porque essa questão, sendo d'aquellas em que todos falam é d'aquellas que menos se estudam.

Não queremos que se elimine Deus por meio d'um decreto. Não queremos que se enforcem os devotos. Não queremos impôr o atheismo por nenhum meio violento. Mas também não diremos que se transija com a mulher que *veja no casamento civil uma especie de concubinato*. Não, isso não. Em primeiro lugar, porque nós não admittimos intransigencia nenhuma com o erro. Entendemos que o erro é que deve transigir com a verdade. Em segundo lugar, porque o facto da mulher ter sido escrava da religião obriga-nos a liberta-la, e não a mante-la n'esse jugo. Ora transigir facilmente com o seu preconceito, em vez de lutar contra elle, é continuar a fazer d'ella a pobre victima que tem sido sempre. Em terceiro lugar, porque a mulher o que quer é casar, é essa a sua conveniencia, é esse o seu interesse, muito mais que o do homem, e, por isso, esteja certo o sr. Brito Camacho de que não ha de ser a idéa de que o casamento civil é *uma especie de concubinato* que ha de fazer com que a mulher deixe de casar civilmente, se o homem usar deante d'ella de uma teimosia digna e reflectida.

Oh! não, não. Ah! é que o sr. Brito Camacho foi menos pratico, foi menos politico. A mulher, salvo uma ou outra fanatisada, não considera já o casamento civil uma *especie de concubinato*. Póde dizelo, mas não o sente. Prefere, sem duvida, o casamento religioso. Mas apenas porque a maioria da gente, e da gente de *bom tom*—a mulher, por mais humilde que seja, tem sempre dentro de si a ambição de ser rainha—se casa religiosamente. Porém, se o noivo ateimar, ella, em regra, aceita a solução do casamento civil, que é, bem o sabe ella, um casamento legal. Principalmente, se tem amor ao noivo. Se o não tem, feliz do noivo que por um meio tão simples se vê livre d'uma companheira que o havia de embarçar.

O sr. Brito Camacho não quer que se violente a consciencia da mulher. Mas se não é violentada a consciencia da mulher é violentada a consciencia do homem! Ahamos

exquisita essa forma de tolerancia, tão preconizada por varios liberaes.

A ter de ser violentada uma consciencia, seja-o aquella que está em erro, e não aquella que está na verdade.

Não, não. O sr. Brito Camacho ali não foi pratico, nem politico. Porque não fez mais do que abrir caminho e dar corda áquelles que só são *livres pensadores nas palavras e que desapparecem quando se trata de passar da theoria á pratica*.

Pois o sr. Brito Camacho censura-os, e depois dá-lhes um meio admiravel d'elles se *safurem*? D'aqui a dois dias todos lhe veem dizer: «Casei-me religiosamente para não violentar a consciencia de minha mulher!»

Não. Elles casaram-se religiosamente *porque quizeram*. Uns não conseguiram emancipar-se da influencia religiosa. Outros não querem incorrer no desagrado da gente do *bom tom*.

Nós nada conseguiremos com a nossa propaganda. Mas o dever, principalmente quando se trata de propagar principios e não de legislar para uma certa occasião, é não deixar *portas falsas* por onde os hypocritas, os dubios ou os apostatas, possam impunemente sahir.

E quanto á tal historia de casamento civil e religioso ao mesmo tempo, achamos expediente tão mesquinho, para o bello criterio do sr. Brito Camacho, que nem percebemos como a admittiu.

A parte, porém, essa pequena divergencia, mais de processo que de fundo, porque se vê que o sr. Brito Camacho, no fundo, concorda plenamente connosco, achamos excellente a doutrina expendida pelo talentoso conferente, e d'aqui o applaudimos com todo o entusiasmo das nossas convicções.

A. B.

GENERAL CONSTANTINO DE BRITO

O sr. ministro da guerra acaba de praticar um acto de inteira justiça concedendo ao sr. Constantino de Brito a medalha de ouro de comportamento militar, divida que o sr. Pimental Pinto deixara em aberto. Felicitamos o honrado general.

Antonio Soares

Morreu no Porto o sr. Antonio Feliciano Soares, estudante do 5.º anno de medicina, nosso patrio, moço intelligente e de excellentes qualidades, filho do sr. dr. José Soares, e irmão do illustre medico do mesmo nome.

Foi victima, ao que se affirma categoricamente, da peste bubonica. Não sabemos até que ponto será exacta esta affirmacão. Não é costume nosso dar curso a boatos infundados e de natureza grave. Mas é tão insistente essa opinião em Aveiro, e por ali a fundamentam em opiniões do Porto tão autorizadas, que, como órgão local, e tratando-se da morte sensacional d'um moço aqui muito conhecido e estimado, não podemos deixar de nos referir a ella.

O Porto é uma terra patriótica, da nossa particular estima e affeição. Estamos crentes em que empregará todos os esforços para matar á nascença a epidemia, se por ventura ella renasceu.

Que se trata de coisa grave, não ha duvida, pelas medidas extremas tomadas com o cadaver do infeliz moço. Nem sequer foi permittido á familia desolada que trouxesse o morto querido para a terra que lhe fôra o berço.

Nem esse triste lenitivo tiveram os pobres paes. Lá ficou separado d'elles, no Porto, o filho amado!

Comprehendemos a dor de toda a familia enlutada. Antonio Feliciano Soares era um bello character. Estudioso, intelligente, simples, e bom, com o coração aberto aos mais nobres ideaes, despertava sympathias em todos os que d'elle se acercavam. A sua morte prematura, resultante do cumprimento do dever, mais elevou a nota sympathica que o distinguia.

Os paes perderam um filho excellent e Aveiro um bom cidadão,

A HYGIENE PUBLICA

REVELAÇÕES GRAVES

Não nos enganamos, prevendo que estariam ao conhecimento do grave caso, a que ha muito nos vimos referindo, com relação á morte da pobre creança por falta de sêro, para combater a diptheria que a atacára, as autoridades sanitarias superiores, que terão fatalmente de intervir e apurar a responsabilidade do sr. delegado de saude n'este tristissimo incidente, que dá a verdadeira nota do desleixo e criminoso abandono dos seus deveres profissionais, que resulta o que se discute: a morte d'uma creança!

Como dissemos, reproduzindo a letra da lei sobre o assumpto, ao sr. delegado de saude cabia-lhe a inadiavel obrigação de já espontaneamente ter vindo apurar o occorrido e esclarecer esta tristissima occorrença, communicando-a ás instancias superiores, como procedeu nos casos de Sobrado de Paiva, com os seus famosos e verdadeiros relatorios, que produziram a admiração do sr. inspector geral, que tão promptamente recompensou o distincto sr. delegado de saude, com uma notavel e merecida distincção, que a reconhecida modestia do agraciado o impelliu a não aceitar, o que foi algo penoso conseguir, attenta a vontade que o sr. inspector geral nutria para que ella fosse aceite pelo agraciado.

Vemos, porém, que o sr. delegado de saude nada tem procurado esclarecer, parecendo desejar apenas que o tempo faça esquecer este crime, que a alguém ha de caber a responsabilidade; e, convencendo-se o sr. delegado de saude, que nenhum quinhão n'ella tem, com aquella pureza de intenções que todos nós lhe reconhecemos, extranhámos, qual a razão porque não tem apparecido o referido sr. delegado de saude a apurar o facto.

Se é esta a tactica do sr. delegado de saude, representa ella apenas uma aggravante para a sua situação que o tribunal da opinião publica já ha muito julgou, pois, os paes da creança recorrerão a quem a lei creou para julgar dos crimes dos homens. Não-de ir até ali e alguém ha-de satisfazer-lhe a pergunta, que elles ha muito fazem: quem é o responsavel pela morte do meu pobre filho? quem nos fez derramar as amarissas lagrimas, que orvalharam o cadaver do nosso querido filho, morto pela incuria, pelo desleixo, pelo abandono, d'aquelles a quem se paga para exercerem os seus cargos, que ninguem lhes offereceu, mas que vieram solicitar?

Essas lagrimas não-de cair sobre a cabeça de alguém.—Dissemol'o e repetimos.

Assim deverá succeder!

Outro caso que é digno referirse para que o publico se vá edificando na forma como o serviço da delegacia de saude, se está fazendo n'este districto: na maior parte das freguezias de muitos concelhos, se não todos, quem passa o bilhete de enterramento aos individuos que fallecem repentinamente ou sem assistencia medica, sabem quem é? julgarão que é o respectivo subdelegado, o medico do partido, algum facultativo? Não, senhores. E' o parochão da freguezia que n'um simples cartão de visita, ou n'um quarto de papel, mette o cadaver na sepultura, com a mesma facilidade como julgou convencer os vivos que lhe metteu também a alma no paraíso celeste!!!

Não é isto realmente admiravel? Meditem um pouco e vejam que gravissima irregularidade esta e que margem fornece a tanta coisa. Muitos medicos e subdelegados tem communicado este gravissimo caso ao sr. delegado de saude, e tem sido tão acertadas as providencias, que tudo continúa a correr como então, accumulando os paes as suas funções de medicos da alma e... do corpo, collegas assim do sr. delegado de saude, mas sem vencimentos! Ou o sr. delegado de saude, com a sua peculiar generosidade, repartirá com elles alguma coisa?

UM SEU LETOR.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

28 de novembro.—Auto de fé na praça de Coimbra, 1621, onde é lida a sentença final contra o licenciado Henrique d'Arede. Veja-se *Povo de Aveiro* de 30 d'outubro ultimo.

Decreto approvando o Regulamento do registo civil em Portugal, 1875.

Publica-se em Lisboa o 1.º numero da *Republica*, 1874, primeiro diario republicano que appareceu em Portugal, redigido por Carrilho Videira e Consiglieri Pedroso.

29 de novembro.—A Bahia declara-se estado livre independente, 1837. «Rompeu na Bahia, refere o dr. Americo Braziliense, uma revolta, que a principio parecia respeitar as instituições monarchicas, proclamando a separação da provincia até á maioridade do sr. D. Pedro II; porém os chefes da rebellião em breve declararam a Bahia estado livre e independente, sob a forma republicana.»

O rei de Napoles entra em Roma, 1798, á frente de 50:000 homens e destroe o governo republicano. O general Joubert, porém, enviado rapidamente pelo Directorio, occupa novamente a cidade de Roma, pondo em fuga o exercito napolitano, batido em seguida pelo general Championnet, que entra em Napoles, obrigando o rei Fernando IV, desthronado, a fugir miseravelmente, com sua familia, para Inglaterra.

30 de novembro.—Junot entra em Lisboa, 1807, (esta data sahia errada nas ephemerides anteriores) á frente d'um miseravel exercito, que teria sido destruido com extrema facilidade, se os governadores do reino, nomeados pelo Bragança que havia fugido para o Brazil, estivessem animados do menor espirito patriótico.

Quando Junot chegou a Sacavem, em 29, só trazia consigo um regimento de granadeiros e o 70 de infantaria. Estes mesmos, descalços, rotos, cahindo de fadiga e de fome. A menor resistencia teria bastado para os aniquilar completamente. Mas quê, se o principe regente havia recomendado, como vimos nas ephemerides do numero anterior, que os francezes fossem **bem aquartelados e assistidos de todo o necessario, evitando-se todo e qualquer insulto**.

Se o principe regente bem o recommendou, os figurões que o ficaram representando no paiz melhor o executaram. Lê-se na *Historia de Portugal*, por uma Sociedade de homens de letras:

«A fraqueza do governo produzira os seus fructos, e devemos dizer que n'estes primeiros tempos o general Junot e os generaes hespanhocs não só não encontraram resistencia, mas até acharam a mais servil subservencia da parte das autoridades civis, ecclesiasticas e militares de Portugal. O conselho da regencia obedecia sem discrepancia a todas as ordens de Junot. Lucas Scabra da Silva fizera-se creatura do general Delaborde, e os bispos substituíam nas preces ecclesiasticas o nome de Napoleão ao nome de D. Maria I, e aconselhavam nas suas pastoraes a obediencia aos invasores. O cardeal-patriarcha de Lisboa dizia ás suas ovelhas: «Não temaes, amados filhos, vivei seguros em vossas casas e fóra d'ellas; lembrae-vos que este exercito é de sua magestade o imperador dos francezes e rei da Italia, Napoleão o Grande, que Deus tem destinado para amparar e proteger a religião e fazer a felicidade dos povos: vós o sabeis, o mundo todo o sabe. Confiae com segurança inalteravel n'este homem prodigioso, desconhecido a todos os seculos; elle derramará sobre nós as felicidades da paz, se vós respeitardes as suas determinações, se vos amardes todos mutuamente, nacionaes e estrangeiros, com fraternal caridade.»

O bispo do Algarve, D. José Maria de Mello, exclamava:

«E' necessario ser fiel aos immutaveis decretos da divina providencia, e, para o ser, devemos, primeiro que tudo, com coração contracto e humilhado, agradecer-lhe tantos e tão continuos beneficios que da sua liberal

não temos recebido, sendo um d'elles a boa ordem e quietação com que n'este reino tem sido recebido um grande exercito, o qual, vindo em nosso socorro, dá bem fundadas esperanças de felicidade. Este beneficio igualmente o devemos á actividade e boa direcção do general em chefe, que o commanda, cujas virtudes são por elle ha muito tempo conhecidas. Lembrem-se que este exercito é de sua magestade o imperador dos francezes e rei de Italia, Napoleão o Grande, que Deus tem destinado para amparar e proteger a religião e fazer a felicidade dos povos. Confiam com segurança n'este homem prodigioso, desconhecido de todos os seculos; elle derramará sobre nós a felicidade da paz, se respeitarem as suas determinações, e se se amarem todos, nacionaes e estrangeiros, com paternal caridade. D'este modo a religião e os seus ministros serão sempre respeitados, não serão violadas as clausuras das esposas do Senhor, e o povo todo será feliz, merecendo tão alta protecção.»

Emfim, o celebre bispo do Porto, Antonio José de Castro, dizia tambem:

«Estas tropas, que aqui vedes entrar, são nossas alliadas e pacificas, e quem as manda entrar tem sido prevenido, e armado por Deus de poder e de sabedoria para as fazer entrar, e para as saber dirigir a fim da nossa felicidade, e devemos seguramente confiar no mesmo Senhor que não seja outro o seu destino. Sim o imperador dos francezes e rei de Italia, o grande Napoleão, não poderia de outro modo servir-se de nós para augmentar a sua gloria verdadeira, sendo fazendo-nos felizes. Nem é crível que na grandezza sem igual do seu coração, no ardente desejo da sua gloria podesse entrar em Portugal para outro fim. Este grande imperador, elevado sobre o throno dos seus triumphos, tem unido a elles a gloria de fazer dominar a nossa santa religião nos seus Estados. Os templos estão cheios d'estes militares que edificam, e que por tudo isto nos põem interiormente na necessidade de os amarmos como proprios filhos, e exteriormente na obrigação de darmos este testemunho publico da nossa satisfação e do seu merecimento. Esperamos que este testemunho, fundado já na experiencia e conhecimento d'estas tropas, pacificas e bem disciplinadas, vá servir, não só para desvanecer nos vossos animos qualquer receio que vos podesse causar a sua entrada, mas tambem para mostrar a obrigação em que estamos todos de praticar com ellas todos os bons officios de caridade e de hospitalidade, como se fossem nossos proprios, o ainda mais por se acharem fóra do seu paiz.»

Que grandes pulhas!  
Foi sempre no clero catholico que este povo encontron os maiores inimigos da patria e da liberdade.

A invasão dos francezes constitue a mais eloquente de todas as provas contra a monarchia e contra a Igreja. O principe regente foge, levando consigo milhares de pessoas e todos os recursos do thesouro publico. Os francezes, que teriam sido disbaratados com uma extrema facilidade, chegam ás portas da capital sem encontrar a menor resistencia. Junot entra em Lisboa em triumpho. E os bispos, a maior influencia da epocha, fazem os panegyricos e as recommendações que ficam transcriptas!

Não ha na historia do mundo exemplo d'uma degradação tamanha. E esses e outros factos fazem-nos pensar muitas vezes em que isto poderá ser, na verdade, uma nação perdida, como pretendem os pessimistas.

1 de dezembro.—Revolução contra a Hespanha, 1640.

O dominio hespanhol tinha commettido o erro supremo de ferir demasiadamente os interesses da casta fidalga, que sem patriotismo nenhum, como tantas vezes demonstrou na nossa historia, prompta a bandear-se para o partido de Hespanha, como em 1333 e 1580; só ao seu egoismo attendia. Tratados com mais attenção pelos hespanhoes, nunca os fidalgos portuguezes pensariam em se revoltar.

O agente principal da revolução não foi, todavia, um fidalgo. Foi um plebeu, João Pinto Ribeiro. Entre os

fidalgos houve até ao fim grandes hesitações. E o que mais receou sempre, foi, exactamente, o mais importante de todos, o proprio duque de Bragança, como é sabido.

Esse movimento de 1640 não deixou de ter sua influencia sobre as idéas democraticas. Theophilo Braga escreve, na *Historia das Idéas Republicanas em Portugal*:

«No ultimo quartel do seculo XVI os juriconsultos portuguezes lutaram pela independencia nacional discutindo os direitos á successão do throno portuguez vago pela catastrophe de Alcacer-Kibir; a espada de Philippe II cortou todas as difficuldades occupando Portugal como paiz conquistado. Conhecendo o poder dos juriconsultos foi um dos seus primeiros cuidados o corrompe-los. Porém, os mais extraordinarios esforços para pôr em effeito a independencia nacional foram levados a cabo pelo juriconsulto João Pinto Ribeiro, o sublime heroe de 1640, a quem D. João IV, que recebera d'elle um throno, dizia com uma pasmosa imbecilidade: «Que pena, não seres tu de sangue nobre, para te dar as honras que mereces!» João Pinto Ribeiro morreu obscuro no meio da sociedade do seu tempo, mas á luz da historia, esse juriconsulto, que soube restaurar uma nacionalidade, é a figura heroica que domina um seculo.

Depois de João Pinto Ribeiro, o juriconsulto que fundamentou com a auctoridade juridica o direito dos portuguezes á independencia nacional foi o lente da Universidade de Coimbra, Francisco Velasco de Gouvêa, que em 1636 o Santo Officio processava por judaismo, acobertando com esta pretendida culpa o odio ás suas idéas civillistas. Depois do triumpho da revolução de 1 de dezembro de 1640, com que sacudimos o jugo hespanhol, celebraram-se côrtes geraes da nação para investirem o duque de Bragança, D. João IV, na posse da soberania; essas côrtes proclamaram o principio juridico de que nellas podiam destituir os reis da sua auctoridade ou investi-los nella, porque a soberania era uma delegação subordinada á condição tacita do exercicio da justiça. Estas idéas, bases fundamentais da democracia moderna, sobre que assenta a forma governativa da republica, acham-se consignadas no *Asento feito em côrtes pelos tres Estados do Reino de Portugal*, em 5 de março de 1641.

Quem sabe como toda a liberdade moderna das instituições democraticas se deduz do principio politico da soberania nacional, fica maravilhado da clareza com que uma tal doutrina foi formulada nas côrtes constituintes de 1641.

2 de dezembro.—Golpe de estado em França, dado por Luiz Napoleão, presidente da Republica.

Na noite de 1 para 2 são presos o general Cavaignac, o general Changarnier, o general Lamoricière, o general Bedeau, o coronel Chassas, o general Le Flô, Thiers, Greppo, Ruge, Baze, tudo quanto poderia obstar á traição.

Na manhã de dois, sob a chuva fria e fina que calha, e logo aos primeiros clarões do dia, são distribuidas por toda a cidade de Paris proclamações annunciando a infamia.

«Francezes!

A situação actual não pôde durar mais tempo. Cada dia que passa agrava os perigos do paiz. A Assembléa, que devia ser o mais firme apoio da ordem, tornou-se um foco de conspirações; o patriotismo de trezentos dos seus membros não pode ter mão nas suas fataes tendencias: em lugar de fazer leis no interesse geral, foijava armas para a guerra civil; attentou contra o poder que eu recebi directamente do povo; animou todas as más paixões; compromettia o repouso da França. Dissolvi-a e o povo que seja juiz entre mim e ella.»

E por ali abaixo. A cantiga de todos os usurpadores em circumstancias eguaes!

«Soldados: Orgulhae-vos da vossa missão. Salvareis a patria. Conto convosso, não para violar as leis, mas para fa-

zer respeitar a primeira lei do paiz, a soberania nacional, de que sou o legitimo representante.»

E assim no mesmo tom. Que tratante!

Contava com elles para as mais infames violencias e para os levar, por fim, até a lama de Sédan.

E' uma das creaturas mais odiosas da historia, o tal Luiz Napoleão.

3 de dezembro.—Arnaldo de Brescia é queimado em Roma, 1155, e as cinzas lançadas ao Tibre. Arnaldo de Brescia, discipulo de Abailard, foi dos mais ardentes defensores da liberdade. Inimigo do despotismo religioso e politico, depois de ter combatido os abusos e regalias do clero, defendeu a emancipação popular sob a forma republicana. O papa Innocencio II, assustado, reuniu o concilio de Latrão que fulminou a heresia e excommungou o seu auctor. Debalde. A republica foi proclamada em 1141.

Tendo morrido Innocencio II em 1143, succedeu-lhe Lucio II, que á frente dos seus partidarios e dos seus padres tentou expulsar o setado romano do Capitolio. Foi repellido e morto á pedrada. Eleito Eugenio III, discipulo de São Bernardo, o novo papa declarou guerra aos romanos. Arnaldo de Brescia derrotou-o, vendendo o papa obrigado a fugir para França. Para regressar a Roma viu-se obrigado a prestar juramento de fidelidade á Republica. Tendo succedido ao papa Eugenio III o papa Adriano IV, este offereceu-se a Frederico Barbaroxa, d'Allemanha, para o coroar imperador na Basilea de S. Pedro, com a condição d'elle abolir a Republica e castigar Arnaldo de Brescia. Barbaroxa accitou e tendo invadido a Italia aprisionou Arnaldo de Brescia que foi queimado logo na manhã seguinte. Os romanos, indignados, atacam os allemães, ficando mil d'entre elles mortos no combate.

Mais uma vez a santa religião afogava em sangue as tentativas de emancipação popular!

4 de dezembro.—O povo de Paris, 1851, tenta resistir ao golpe d'estado de Luiz Napoleão. Armam-se barricadas nas ruas. As tropas dominam essas tentativas, praticando as maiores barbaridades.

Distingue-se na selvageria o coronel Rochefort, carregando á frente do seu regimento sobre a multidão, fazendo numerosas victimas.

Aos nossos assignantes

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que estamos procedendo á cobrança das assignaturas. Esperamos dever a todos o favor de pagarem logo que lhes seja apresentado o recibo, a fim de nos serem poupadas despesas e trabalho com nova apresentação de recibo.

Aos nossos assignantes das localidades onde o correio não faz cobrança pedimos o favor de nos mandarem a importancia em vales do correio.

Esperamos de todos a fineza de accederem ao nosso pedido.

Quereis ter uma bicyclete distincta em solidez, elegancia e leveza? Compras

A OSMOND

TYPOGRAPHIA DO POVO DE AVEIRO  
Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encargamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.  
Especialidade em cartões de visita

«POVO DE AVEIRO»  
Em Lisboa, vende-se na tabacaria Morreo.

THEATRO AVEIRENSE

Vamos ter hoje no nosso theatro, pela primeira vez, as quatro formosissimas húngaras que teem feito a admiração do publico do *Colyseu dos Recreios*, de Lisboa, e que em Coimbra, recentemente, causaram um enthusiasmo indiscriptivel.

As quatro húngaras, vestidas com toda a elegancia, exhibirão as lindissimas danças do seu paiz e cantarão cançonetas em francez, inglez e húngaro. Dizem-nos maravilhas da sua belleza, que é estonteante.

Tambem se apresentarão no mesmo espectáculo da noite Silva Carvalho, o notavel transformista, genero Frégoli, e o actor Rebocho, nas suas engraçadissimas emittações.

E' uma bella noite que os aveirenses hoje vão ter, e que de certo ninguem faltarã.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, se o tempo o permittir, das 2 ás 4 da tarde, no jardim publico, é o seguinte:

Marcha. «Huguenotes», selection da opera (Meyerbeer). «Lobos Marinhos», selection (Chapi). «Cavallaria Rusticana», selection (Mascaqui). «Philemon et Biancis», fantasia (Gounod). «La Reverte». Passe Calle.

Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compras a bicyclete

A «OSMOND»

TYPOGRAPHIA DO POVO DE AVEIRO  
Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encargamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.  
Especialidade em cartões de visita

Offerta

O nosso illustre conterraneo sr. José d'Azevedo Leite Junior, habil cinzelador no Porto, acaba de brindar a «Sociedade Recreio Artístico» com mais dois romances intitulados a *Inveja* e os *Amores d'outonno*, lindamente encadernados, gentileza que muito penhorou a direcção d'esta sociedade.

Inauguração

Na ultima reunião dos subscriptores para a aquisição do retrato a oleo do sr. José Luciano de Castro, foi deliberado que a inauguração se faça no dia 14 do corrente na sala da bibliotheca do lyceu, que sejam convidados todos os presidentes das camaras do districto, que se empreguem todas as diligencias para que venha assistir ao acto a banda da guarda municipal de Lisboa, bem como convidar um dos membros do gabinete para solemnizar o acto com a sua presença e se offerça no fim aos convidados um jantar de gala.

Caso venha a banda da guarda municipal, serão ao todo cinco musicas que abrilhantam a inauguração.

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Compras a bicyclete  
A «OSMOND»

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos por que correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Table with 2 columns: Item and Price. Items include Feijão branco, encarnado, manteiga, amarelo, misturado, caraça, frade, Milho branco, amarelo, Trigo gallego, treméz, Cevada, Centeio, Batatas, 15 kilos, Ovos, duzia 180, milheiro.

Arbitradores judiciaes

Estes ex-funcionarios publicos, entregaram no sabbado ultimo uma representação ao sr. conselheiro Albano de Mello, dirigida ao sr. ministro da justiça, pedindo a reintegração dos seus antigos logares, allegando, para isso que pagaram os respectivos direitos de mercê, prestando provas publicas perante um jury, que os julga competentes para exercerem tão malindroso logar, onde teem de intervir como juizes de facto, sendo portanto responsaveis pelos seus actos, o que agora não succede, pois que são nomeados por empenhos e não por merito, recaindo a nomeação muitas vezes em analfabetos e em individuos pouco escrupulosos, que vão ferir os direitos das viúvas, dos orphãos e até da propria Fazenda Nacional. Alem d'isso perde o estado a contribuição industrial que o louvado encartado pagava, que por anno ainda sommava a umas dezenas de contos.

Impõe-se por todos os motivos a sua reintegração.

Bilhetes postaes illustrados

A casa commercial, Antonio Ferreira Felix, Filhos Successores, vae expôr á venda bilhetes postaes illustrados, com gravuras de diversos pontos da cidade e da Costa Nova do Prado, em papel celloidimé. A collecção é digna de ver-se.

Obra importante

Já vão muito adeantados os trabalhos na exploração da mina na Foeira para abastecimento de aguas na cidade, que a camara anda fazendo n'aquelle local, que se tornava de reconhecida necessidade.

Quereis possuir a melhor bicyclete do mundo? Compras A OSMOND

UMA LEMBRANÇA APENAS

JOAQUIM Ferreira Martins, (o Gafanhão), vem pedir aos seus illustres freguezes, e ao publico em geral, que não se esqueçam de fazer as suas encomendas dos bons gabões feitos n'este estabelecimento, tanto no bom acabamento do trabalho como em fazendas.

Em preços ninguem os faz mais baratos em Aveiro.

Rua da Costeira

BILHAR

VENDE-SE um ainda em muito bom uso com todos os seus accessorios. Quem pretender dirija-se a Joaquim Ferreira Felix, Aveiro.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em sacas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submetter a análise da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

# METHODO JOÃO DE DEUS

## LEITURA

<i>Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura—16.ª ed., cart. 300 réis, broch.</i>	200
<i>Album, ou livro contendo as lições da Cartilha Maternal em ponto grande</i>	5\$000
<i>Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões.</i>	6\$000
<i>Segunda parte—Os Deveres dos Filhos—16.ª ed., cart., 300 réis, broch.</i>	200
<i>Guia práctico e theórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos.....</i>	160

## ESCRIPTA

<i>Arte de Escripção—(2.ª ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações prácticas, cada.</i>	30
<b>Livros de polémica sobre o Methodo</b>	
<b>A Cartilha Maternal e o Apostolado.....</b>	500
<b>A Cartilha Maternal e a Crítica.....</b>	500
Do mesmo auctor:	
<i>LITTERATURA</i>	
<b>Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed.</b>	700
<b>Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga</b>	800

## DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções desiguaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albuns, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

## ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

## AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

### Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

# MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

## AVEIRO

75—RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ACABA DE SAHIR:

## PÃO NOSSO

ou

### Leituras Elementares ou Encyclopedicas

por TRINDADE COELHO

Um vol. de mais de 500 paginas, adornado de innumerables e admiraveis estampas, em optimo papel, contendo noções elementares sobre variados ramos de conhecimento, e o resumo de todas as disciplinas que se estudam na escola primaria. E' o livro *post-escolar* por excellencia, indispensavel a todos, por ser formado d'aquella serie de conhecimentos, que é imperdoavel—vergonhoso até! —não possuir.

Preço, brochado 500 reis, cartonado 600 reis.

### LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro, 242-1.º=LISBOA.  
E em todas as livrarias.

### BAGAÇOS ALIMENTAES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

## PADARIA FERREIRA & MACEDO AOS ARCOS AVEIRO

NESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.ª qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.ª, a 480; chá, desde 1\$600 a 3\$600 o kilo; massas alimenticias de 1.ª qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.ª, a 120; velhas marca *Sol*, cada pacote, a 180; ditas marca *Navio*, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa de consumidor á hora que o exigir.

José Monteiro Telles dos Santos J.  
DENTISTA MECANICO  
Coloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que fôrte qualquer dente; obtura a ouro, prata, platinã, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.  
RUA DA COSTEIRA  
(Em frente da Estátua de JOSÉ ESTEVAM)

## Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote), couros, sebo, e tripa a 200 reis o massô.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

# EMPREZA CERAMICA

DA

## FORTE NOVA

DE

## Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

### PREÇOS MODICOS

## JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de sala. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

## ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,

Filhos (Successores)

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO